

Citibank está confiante

CONSUELO DIEGUEZ

Os bancos credores do Brasil estão ansiosos para a assinatura do acordo da dívida externa brasileira, que deve ocorrer hoje, na reunião de Toronto, no Canadá, com a presença do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Alcides Amaral, vice-presidente do maior banco credor privado do país, o Citibank, está confiante de que, dessa vez, o documento finalmente será assinado, mesmo que a família Dart, detentora de 4% da dívida brasileira, crie resistências ao acordo. Segundo Amaral, 95% dos bancos já definiram sua adesão às propostas de pagamento, e se os Dart criarem empecilhos poderão negociar em separado.

A pressa em se definir o acordo é explicada pelo fato desta ser a última chance do entendimento. Pelas cláusulas firmadas entre o governo brasileiro e credores, o Brasil poderia adiar o prazo de assinatura apenas uma vez. Como isso já foi feito em julho, agora não pode haver nova prorrogação. E os credores estão conscientes de que, senão for feito agora, o acordo terá que ficar para o próximo governo. Nesse caso, como admite Amaral, tudo que foi acertado é anulado e as negociações terão que começar do zero.

Retardatário — O Brasil é

único dos grandes países devedores que ainda não fechou um acordo. Mas isso não significa que os bancos estejam tendo prejuízo. Desde a crise dos juros, no final de 1982, que obrigou o México a entrar em moratória, e levou o Brasil ao FMI, o país suspendeu o pagamento de seus compromissos apenas uma vez, em 1987. De 1983 até o ano passado, o Brasil já tinha pago de juros aos credores, segundo os dados do Banco Central, US\$ 130,1 bilhões, praticamente o saldo da dívida, contabilizada até 1992 em US\$ 135 bilhões.

Mas, mesmo com a assinatura do acordo na reunião de Toronto não se encerra a novela da dívida que se arrasta há dez anos. É que o país precisa acertar suas contas também com o FMI para que a instituição empreste os recursos necessários à compra de bônus do Tesouro americano que serão oferecidos como garantia aos credores privados. A questão é que um acordo com o Fundo depende do ajuste interno da economia. O vice-presidente do Citibank, no entanto, está otimista com o sucesso das negociações com o FMI. Ele está convencido de que até janeiro o país terá um plano definido e consistente para apresentar. Amaral acredita que o ajuste é irreversível e que, a partir de 1995, o Brasil voltará a crescer.